

REFLEXÕES "PEDAGÓGICAS" SOBRE O PÚBLICO DE LITERATURA  
INFANTO-JUVENIL

*Sônia Inez Gonçalves Fernandes*  
Pós-graduanda em Letras - USP

Em 1977 e 1978, a Biblioteca da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, deu lugar ao desenvolvimento de um trabalho que objetivava fornecer aos alunos leituras "espontâneas" que lhes possibilitassem adquirir hábitos de leitura e recursos para interpretar criticamente estas leituras.

Da observação das determinantes que influenciaram na escolha dos livros resultou o que se expõe a seguir:

Os efeitos da publicidade foram os que atuaram mais fortemente; tanto a publicidade "ingênua" que se faz através das próprias crianças, ou de pais, de professores que passam suas sugestões com base em critérios afetivos, como a que se faz através dos meios de comunicação de massa, que ao fim e ao cabo são reflexos da publicidade comercial.

Relacionado com este aspecto está o da aparência dos livros: livros finos, de capa bonita, ilustrações atraentes, papel de boa qualidade, de leitura fácil e rápida; fatores de grande importância no momento da escolha. Estes fatores se entrelaçam, desaguando nas correntes da tradição tanto no que toca à indústria editorial quanto no que toca à formação dos leitores.

Trata-se na verdade de uma cadeia, que dificilmente se rompe para dar lugar a penetrações "divergentes". Este ciclo vicioso é algo bastante coeso, onde estão envolvidos pais, professores, editores, escritores e todo complexo livreiro nacional e internacional.

Devolvendo ao campo pedagógico, as determinantes externas que atuaram mais ou menos diretamente na escolha de livros pelos leitores infanto-juvenis vemos que, se por um lado não podemos impedir que estas influências atuem, de outro, nos estamos constantemente perguntando se realmente propiciamos a formação de leitores livres e críticos, posto que o que ele "escolhe" já está de alguma maneira condicionado à visão de mundo do adulto. Desta maneira, não se pode disfarçar ou colorir a realidade com falsas posturas ideais.

Podemos encontrar, entretanto, novos caminhos que possibilitem às crianças e jovens escolherem suas próprias leituras, bem como analisá-las desde o ponto de vista de cada um. Porém temos, por enquanto, a certeza de qualquer caminho trará consigo condicionantes da visão de mundo do adulto. Assim é que propomos um trabalho que permita aos leitores desenvolverem seu espírito crítico e gosto estético. Trabalho esse (Treinamento de professores) que deve ser estendido aos professores, bibliotecários, pais, diretores de escolas, editores e a todos aqueles que de alguma forma fazem parte do processo de leitura.

Este trabalho parte de um princípio fundamental e básico que é o das relações afetivas. O intermediário entre livro e leitor (qualquer que seja ele) deve ser sensível às identificações e projeções que o leitor faz com os elementos do texto e com base nelas dar continuidade ao seu trabalho, fornecendo ao leitor rudimentos que lhe possibilite superar as associações imediatas e acrescentar outros elementos aos seus critérios de apreciação. Já nos últimos momentos da "alfabetização" se pode dar início a estas atividades que propiciam desde cedo o prazer e o exercício de ler e de criticar, o que num futuro, poderão permitir uma mais ampla liberdade de escolha, por parte dos leitores infanto-juvenis.

Podemos concluir contudo, que qualquer trabalho com

o público de literatura infanto-juvenil deve ser relativizado em seus resultados, posto que toda relação adulto-criança é pedagógica e que por isso não cabe mistificar a literatura infanto-juvenil, atribuindo-lhe funções que por sua especificidade não possui.

### O Escritor: duas vertentes hoje

Considerando que a situação do público infanto-juvenil hoje é a de dependência do adulto e que este é não apenas o censor da obra para a infância e adolescência, mas também o produtor desta obra, vamos verificar que os escritores pertencem a duas vertentes principais.

Uma delas é a daqueles que insistem em manter a tradição com ênfase na "fantasia". Trabalhos com crianças e jovens mostraram que estas fantasias intemporais, anacrônicas e alienadas pouco ou nada têm a ver com sua cosmovisão. A vivência "cientificista" que têm hoje as afastam do "romantismo" impingido por estes escritores e demonstram que seu fantástico aponta na direção do "absurdo". Ademais estão bastante distantes do cenário da Idade Média e a sociedade de consumo lhes traz experiências incompatíveis com os ideais cavaleirescos e os das fadas. Esta vertente de escritores tenta disfarçar o maniqueísmo do bem e do mal herdado da tradição literária infanto-juvenil com linguagem da moda: gírias, jargões, expressões feitas, absolutamente passageiras; o que faz de certos livros, embora recentes, já ultrapassados. Também pertencem a este grupo escritores que apesar de criar cenário, roupagem e personagens com certa atualidade para as histórias infantis não abandonam o caráter moralizante e de ensinamento das fábulas de Esopo e outros congêneres. (Não condenamos aqui Esopo e seus congêneres, apenas cremos que têm que ser lidos e analisados dentro de uma perspectiva histórica. O que condenamos é a pedagogia explícita ou im-

plícita de seus atuais continuadores).

O fato das contingências atuais realçarem o "real" em prejuízo do "fantástico ingênuo" é traço de nossa época, para o qual o escritor consciente está atento e se este escritor transcende é porque sua obra supera os modelos do passado, quer totalmente, quer buscando novos procedimentos ou novas soluções. Pois, repetindo as palavras de Drummond "Não há distinção nítida entre o que agrada ao adulto e o que agrada à criança, no que se refere à arte literária. A obra levada à criança não pode ser "menos literária", ser inferior à literatura para adulto".

Neste caso, encontram-se os escritores da vertente que eu ousaria chamar "pré-modernista", à medida que questionam as fórmulas antigas e encontram soluções narrativas próprias. Nesta vertente incluiríamos escritores como Ana Maria Machado especialmente com "Bento-que-bento-é-o-frade" ou "História meio ao contrário", Fernanda Lopes de Almeida com "A fada que tinha idéias", e Cristina Porto com "Se...será, Serafina?" para citar alguns exemplos.

Cabe assinalar também a desmitificação da função do escritor, que em nossos dias respondem a entrevistas nas escolas, nas feiras de livros, na televisão, rádio, etc. Também a obra, sofre este processo de desmitificação da criação literária, através da leitura crítica e da recriação de textos.

Compreendendo a literatura infanto-juvenil como disciplina autônoma, com objeto próprio e cuja interdependência se dá, como assinalou Antônio Cândido em "Literatura e sociedade", entre o escritor - a obra - e o público, que formam o sistema literário, tentamos até aqui, isolar os aspectos intrínsecos ao público e ao escritor brasileiro.

Passamos então à análise do papel da obra literária-

ria dentro deste sistema e levantar seus aspectos não só intrínsecos como também extrínsecos; pois acreditamos que neles residem algumas respostas para a compreensão da História da Literatura Infantil Brasileira.

### Conhecendo a Obra

Tendo em vista o processo editorial corrente em nos-  
sos dias, verificamos que a obra deve agradar primeiramente  
ao editor, cujos princípios de seleção são quase sempre alea-  
tórios e subjetivos, que está, por sua vez, interessado em  
atingir o interesse dos pais, professores, bibliotecas públi-  
cas ou escolares, que são afinal os compradores do produto  
por eles selecionado.

Diante desta situação, constatamos que a grande ten-  
dência, salvo tentativas isoladas, é a de manter a tradição,  
na qual o público infanto-juvenil serve hoje aos mesmos he-  
róis das histórias de ontem, com a mesma passividade e sub-  
missão, sublimação ou frustração impostos pelo momento histó-  
rico.

É o que se depreende da análise de 250 títulos en-  
tre traduzidos e nacionais. Revelou-se tanto em um como em  
outro o dogmatismo dos conteúdos expressos, o ensinamento das  
mensagens finais, a moralização da atitude dos personagens ou  
do conselho do narrador, ou ambos procedimentos combinados.

Paralelamente, se pode observar que escritores re-  
centes tentam eliminar estas conotações de seus textos, o  
que nem sempre conseguem com felicidade, pois é difícil es-  
conder influências de formação pedagógica, na maioria das ve-  
zes. O fato é que ao não assumirem a pedagogia inevitável,  
estas obras caem no falseamento da realidade, o que não dei-  
xa de ser pertinente à compreensão das tendências particula-  
ristas desta literatura.

Ao analisar entretanto, as tendências universalistas que atuaram na formação da literatura infanto-juvenil logo nos deparamos com o maniqueísmo entre as forças do bem e do mal ou a de qualquer força contrária. Curioso notar que as obras que fogem a este esquema são aquelas poéticas na sua maioria, talvez devido ao processo de síntese inerente à poesia. São exemplos destas "A arca de Noé" de Vinícius de Moraes, "Ou isto ou aquilo" de Cecília Meirelles, ou ainda "A mulher que matou os peixes" de Clarice Lispector... Também as obras narrativas lançadas nestes últimos cinco anos apresentam tendência em evitar estes esquematismos fáceis e estas fórmulas já gastas; porém as intenções nem sempre se concretizam, se é difícil perceber preocupações didáticas declaradas, pelo menos percebem-se preconceitos mal disfarçados.

Embora não haja ocorrido a ruptura ou superação desejadas os indicadores de inquietação e de busca são notórios e inegáveis.

### Conclusões

Abordamos o estudo da Literatura Infanto-juvenil sob dois aspectos: o da pedagogia e o da literariedade e entendemos que o primeiro deve realimentar o segundo numa maior dinamização nos processos de leitura, compreensão e análise de textos para crianças e jovens, possibilitando-lhes experiências mais enriquecedoras, utilizando instrumentos mais apropriados, que os torne aptos a escolher e criticar.

No entanto, queremos dizer que enquanto a pedagogia faz o papel que lhe toca, a literatura por seu lado, não deve desviar-se de sua especificidade; ainda que tenha nascido com a pedagogia, seguido com a psicologia, na medida em que estas incorporaram seus problemas. Pode recorrer às outras ciências como a sociologia, em geral evitada, devido à sua importância na compreensão das questões literárias. Pois

é com o enfrentamento do papel da tradição, do papel da herança dos contos clássicos, de seus heróis e mitos que podemos ir mais além das interpretações já conseguidas pelos herdeiros do Romantismo, quer criticamente, quer criativamente como fez Lobato, dando um rumo menos estereotipado à Literatura Infanto-juvenil Brasileira.